

□ Tempo de leitura: 5 min.

Um corredor de escola, em Mumbai, e uma pergunta à queima-roupa: “O que você quer fazer da vida?”. O rapaz respondeu que sonhava em ser cientista; o diretor olhou para ele horrorizado. Dessa breve troca nasceu a vocação do P. Ashley Miranda, nascido em Udupi (Karnataka, Índia) em 1965, salesiano desde 1983 e sacerdote desde 1993. Por vinte anos professor de filosofia em Divyadaan, em Nashik, depois diretor, ecônomo e reitor, delegado inspetorial para a formação e, por fim, vigário; desde 8 de setembro de 2025 é o décimo segundo Inspetor da Inspetoria “São Francisco Xavier” de Mumbai. Nesta entrevista, ele fala sobre os mestres que acreditaram nele antes mesmo que ele próprio acreditasse, a gagueira vencida por obediência e a convicção que continua sendo o coração do seu ministério: a mansidão persuade mais do que a força.

Como se apresentaria aos leitores do Boletim Salesiano?

Sou o P. Ashley Miranda, salesiano. Nasci em 1965 em Udupi, no estado de Karnataka, na Índia. Fiz minha primeira profissão religiosa em maio de 1983 e fui ordenado sacerdote em dezembro de 1993. Em mais de trinta anos de sacerdócio, foi-me pedido que servisse em diferentes funções: diretor em Divyadaan, a casa de pós-noviciado de Nashik (seis anos), e na Paróquia Dom Bosco de Nashik (três anos); ecônomo do noviciado salesiano de Nashik (seis anos) e da mesma paróquia (três anos); reitor de Divyadaan (três anos) e professor de filosofia no mesmo instituto por vinte anos. Fui também conselheiro inspetorial e delegado para a formação de 2008 a 2014, vigário inspetorial de 2019 a 2025 e, desde setembro de 2025, Inspetor.

Quando você sentiu o chamado pela primeira vez e o que o levou aos salesianos?

Senti o chamado para ser salesiano quando estava na décima série, o equivalente ao primeiro ano do ensino médio italiano. O diretor da escola onde eu estudava, a Dom Bosco de Borivali, me disse que eu deveria me tornar um sacerdote salesiano,

e não aceitava desculpas. Um dia ele me encontrou no corredor e me perguntou à queima-roupa o que eu queria fazer da vida. Pensei um momento e respondi que gostaria de ser cientista. Ele me olhou com horror nos olhos, como se eu tivesse confessado que queria ser jogador de azar ou um delinquente de rua. “O quê?! Você não quer ser padre?”. Ele deixou claro que, na opinião dele, eu deveria ser padre e nada mais. E é isso que sou hoje: um sacerdote salesiano!

Há algum episódio ou pessoa que influenciou de forma especial a sua decisão?

Aquele diretor era o P. Elias Dias. Ele acreditou em mim mesmo quando eu não acreditava em mim mesmo. Quando menino, eu ficava impressionado com o seu entusiasmo e as suas dramáticas “provas da existência de Deus” – embora, para dizer a verdade, para mim e para os meus colegas a existência de Deus não fosse um grande problema na época.

Lembra-se de algum educador em particular?

Lembro-me com gratidão de muitos salesianos que me quiseram bem e me apoiaram ao longo de todo o caminho até este ponto. Cada um deles tinha algo precioso para me ensinar sobre a vida salesiana. Uma virtude era comum a todos eles: o entusiasmo pela vida e a convicção de que Deus nos ama e cuida de nós.

Houve momentos de crise ou de dúvida ao longo do caminho? Como os superou e o que aprendeu com eles?

Sim, houve alguns momentos de crise e de dúvida. A cada vez, o Senhor me enviou alguém para me apoiar e me encorajar, para me ajudar a ver as coisas com mais clareza e na perspectiva certa, e a perceber o quanto sou abençoado por ser salesiano. Fui ajudado por familiares, coirmãos, superiores, diretores espirituais e amigos. Entendi que todas as minhas dúvidas e todas as minhas crises nasciam da estreiteza do meu olhar e da tendência de confiar mais em mim mesmo do que no Senhor.

Há algum episódio da sua formação salesiana que o marcou de forma especial?

Vêm-me à mente muitos episódios que deixaram sua marca na minha consciência. Por enquanto, escolho um: a minha primeira obediência, após os estudos de filosofia. O inspetor da época, P. Chrys Saldanha, pediu-me para obter a licenciatura em filosofia, com o objetivo de voltar depois ao estudantado para ensinar aos coirmãos. Eu gostava muito de filosofia, mas gaguejava de forma acentuada e falar em público era difícil para mim. Quando lhe chamei a atenção para isso, ele descartou o assunto como um impedimento sem importância. Com o seu estilo inconfundível, perguntou-me se eu sabia raciocinar de forma lógica; quando respondi que sim, disse-me para não me preocupar de forma alguma. Ele me garantiu que a gagueira desapareceria. E assim foi, em menos de um ano! Talvez hoje o meu problema seja o oposto: tenho a tendência a falar um pouco mais do que o necessário.

Quais são, na sua opinião, as prioridades evangélicas para os jovens de hoje?

Penso que os jovens de hoje apreciam os valores evangélicos da integridade de vida, da humildade e da mansidão. Eles esperam que você faça o possível para que a sua vida corresponda às suas palavras. Não suportam ser tratados com permissividade. Abrem-se mais de boa vontade a quem sabe ouvir e não se coloca na posição de mestre.

Quais práticas de oração ou devoções você sente que são mais suas?

Escrever um diário é para mim uma prática de oração preciosíssima. Junto a isso, acho particularmente significativos o tempo passado em silêncio diante do Santíssimo Sacramento, a oração do Rosário e a celebração da Eucaristia.

Qual é a coisa mais importante que você aprendeu com a sua experiência

de vida salesiana?

Aprendi a apreciar o valor da oração, da fraternidade dentro da comunidade e a força persuasiva da mansidão e da gentileza.

Os cristãos, nas suas regiões, são perseguidos?

Os cristãos são uma minoria exígua nas regiões que compõem a nossa inspetoria. Eu não diria que neste momento somos perseguidos, mas certamente somos desafiados a viver bem a nossa vida cristã e a dar assim testemunho de Jesus e do seu Evangelho.

Como você descreveria a espiritualidade salesiana em poucas palavras?

Penso que a espiritualidade salesiana se baseia na verdade do amor eterno, universal e incondicional de Deus. Nós, salesianos, vivendo o sistema preventivo, somos chamados a ser sinais e portadores desse amor incondicional para com os jovens e os pobres.

Quais são as necessidades mais urgentes dos jovens e do território?

As necessidades mais urgentes dos jovens são o sentido da própria vida e a autossuficiência econômica. Eles precisam de ajuda para descobrir algo pelo qual valha a pena viver. E precisam saber que há pessoas boas por trás deles, enquanto tentam conquistar o lugar que lhes cabe na sociedade.

Que conselho daria a um jovem que se sente chamado à vida religiosa?

Viva com espírito de gratidão, conte as suas bênçãos e confie em Deus. Se você sente que Deus o está chamando para a vida religiosa, doe-se a Ele com generosidade: você descobrirá que Ele o abençoará de maneiras inumeráveis e inimagináveis.

